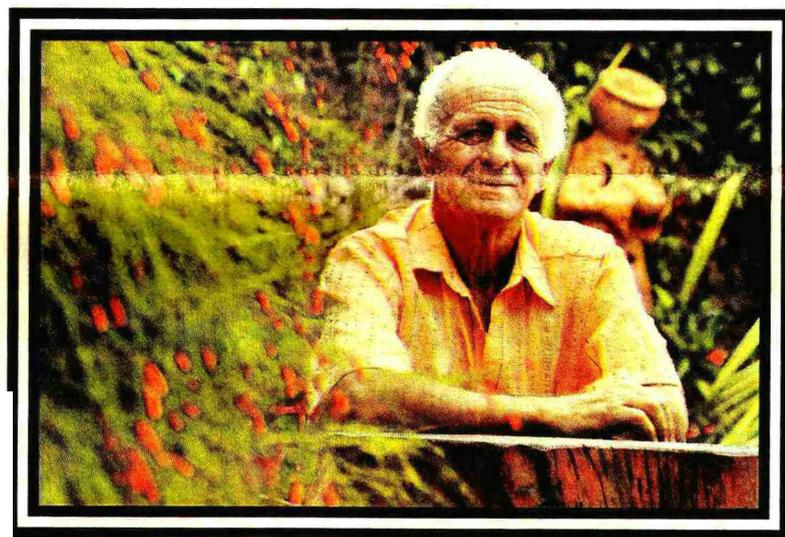


UM ALAGOANO

ANIVALDO GUEDES DE OLIVEIRA VIU BRASÍLIA NASCER E CRESCER JUNTO COM ELA. MAS AINDA SENTE SAUDADES DO MAR



9 MIL
ALAGOANOS
MORAM
NO DF

ELISA TECLES

DA EQUIPE DO CORREIO

Um barraco de madeira usada com chão de terra batida era a realização de um sonho para a família do comerciante Anivaldo Guedes de Oliveira, 61 anos, no final da década de 50. Na época, ele tinha 11 anos e o Plano Piloto era apenas o habitat de emas, lobos, onças e outros bichos. Apesar da completa falta de estrutura, o local era a esperança dos pais e dos cinco irmãos de Anivaldo, que deixaram São Luís do Quitunde.

O pai de Anivaldo veio na frente, sozinho, em 1957. Conseguiu emprego como servente de obras e passou anos trabalhando na construção de prédios. A família pobre, que vivia à base de rapadura com farinha de mandioca e peixe, achou que o pai não voltaria mais. Dois anos depois, ele cumpriu o prometido. Foi buscar mulher e filhos. A viagem levou sete dias em um ônibus tipo jardineira da companhia Princesa do Agreste, sem nenhum trecho de asfalto.

A família conseguiu um terreno na extinta Vila Amauri, depois coberta pelo Lago Paranoá. As casas eram feitas com as tábuas de

madeira que sobravam das construtoras. “Na época, ainda estavam começando o esqueleto do Palácio do Planalto e da Alvorada. Só tinha um ônibus jardineira que fazia o transporte da vila até a Cidade Livre, onde ficava o comércio”, disse Anivaldo.

O comerciante se casou com uma goiana, teve três filhos e seis netos. Visitou Maceió três vezes para matar as saudades dos tios e primos que moram lá. A falta de mar, até hoje ele resolve com viagens às cidades do litoral nordestino, destino preferido da família.

Encontrar um alagoano no Distrito Federal não é um trabalho fácil. Por aqui não faltam pernambucanos, cearenses e piauienses, mas quando se trata de nordestinos vindos de Maceió e arredores, a coisa muda. Nem mesmo Anivaldo teve a chance de conhecer muitos conterrâneos em Brasília. Há quase 50 anos morando na cidade, ele se lembra de ter encontrado apenas dois alagoanos.

O comerciante acredita que não é do feitio de seu povo se aventurar em terras desconhecidas. “O alagoano é meio cismado, não gosta de aventura. E quando eles saem do estado, geralmente vão para São Paulo”, explicou. Segundo ele, a maioria dos migrantes da época vieram de Goiás, Minas Gerais e São Paulo, por isso o sotaque local sofreu tanta influência desses estados. Mas depois que o alagoano deixa a terra natal, não volta mais, na opinião de Anivaldo. “Quando o nordestino sai de casa, dificilmente volta porque fora dali ele consegue as coisas com mais facilidade. Em Brasília, minha família teve melhor educação e condições de vida”, concluiu.